

# Economia

## Bebidas mais caras

PÁG. 20

# 1,3%

Este deve ser o impacto, no preço final, do novo aumento no imposto de cervejas, refrigerantes e refrescos, anunciado ontem pelo governo. A elevação dos tributos deve representar uma arrecadação adicional de R\$ 1,5 bilhão este ano



## Defesa do consumidor

PÁG. 24

## ESPAÇO POLÊMICO NAS POLTRONAS DE AVIÃO

Procon-RJ entra com ação contra aéreas por cobrança de taxa pelos chamados "assentos de conforto" (foto)

## NÃO ESTÁ FÁCIL PARA NINGUÉM

# Salário mínimo, coisa de país rico

Mecanismo está na ordem do dia em EUA e Europa, às voltas com desigualdade crescente



Briga salarial. Ato contra o baixo pagamento em frente a um McDonald's: trabalhadoras vêm fazendo paralisações

## NOS EUA

### Contra a pobreza, governo luta para aprovar reajuste

**Democratas propõem aumento de 40% para o piso federal, mas republicanos afirmam que isso levará empresas a demitirem**

FLÁVIA BARBOSA  
Correspondente  
flavia.barbosa@oglobo.com.br

-WASHINGTON. A criação de uma política de valorização do salário mínimo ganhou status de principal tema das eleições legislativas de 2014 nos EUA. Sinal dos tempos. No radar dos democratas desde o ano passado, a campanha pelo aumento do piso nacional de US\$ 7,25 a hora para US\$ 10,10 — reajuste de quase 40% — revela a necessidade de ação governamental para recompor a renda dos americanos. Os rendimentos foram achatados nos últimos 40 anos e pela Grande Recessão, em meio à polarização do mercado de trabalho entre vagas de baixa e alta qualificação e à crescente desigualdade.

Se o reajuste do mínimo for aprovado, 16,5 milhões de trabalhadores que recebem o piso e 8 milhões cujos salários estão atrelados a ele seriam beneficiados, adicionando US\$ 17 bilhões à renda nacional, segundo o Escritório de Orça-

mento do Congresso (CBO, na sigla em inglês). Afinal, o salário anual de um trabalhador de baixa renda passaria de US\$ 14.500 — mais de US\$ 4 mil abaixo da linha de pobreza para uma família de três pessoas — para US\$ 20.200.

A bandeira não é só política: 600 economistas, incluindo sete ganhadores do Nobel, como Joseph Stiglitz, Kenneth Arrow, Robert Solow, Thomas Schelling e Peter Diamond, escreveram uma carta aos líderes de Executivo e Legislativo endossando o reajuste do mínimo. Os conservadores, por sua vez, acusam o governo Barack Obama de intervencionismo estatal e criticam os estados que têm elevado seus pisos regionais.

O mundo corporativo também entrou na discussão. Obama já elogiou empresas que reajustaram seus salários-base, como as varejistas Costco e Gap. Mas redes como Walmart e McDonald's são vistas como vilãs do achatamento salarial e têm enfrentado greves de um dia.

O mínimo americano representava pouco mais de 50% do salário médio dos trabalhadores em 1968 e, hoje, não passa de 37%, uma das relações mais baixas nos países ricos, da Nova Zelândia (51%) ao Reino Unido (39%), segundo estudo do economista Gary Burtless, do Brookings Institution. O último reajuste foi em julho de 2009, quando os democratas eram maioria no Congresso.

A nova proposta prevê ainda indexação à inflação a partir de 2015. Dois terços da população aprovam o reajuste, daí este ter se tomado bandeira da campanha democrata. Os republicanos contra-atacam com o fantasma da demissão em massa por empresas com o caixa estrangulado.

— A estagnação do mínimo desde 2009 resultou em milhões de americanos presos abaixo da linha de pobreza, apesar de terem emprego em tempo integral. Os salários são tão baixos que eles precisam recorrer a programas federais de assistência para sustentar a família — afirma a economista Vanessa Cárdenas, do Center for American Progress. ●



Não está fácil. Funcionários da Lufthansa em greve: disputas levaram Alemanha a aprovar salário mínimo este ano

## NA EUROPA

### Reforço na base para dar mais fôlego à economia

**Alemanha terá mínimo a partir de 2015. Na Suíça, referendo vai decidir se país adota o maior piso salarial do mundo**

CLARICE SPITZ  
clarice.spitz@oglobo.com.br

Numa tentativa de relançar a economia e reduzir a persistente desigualdade, o salário mínimo volta ao centro do debate da economia europeia. País que concentra os maiores bancos do mundo, a Suíça pode acabar famosa, também, pelo maior salário mínimo do planeta. Dentro de duas semanas, os suíços decidirão, em referendo, se aprovam um salário mínimo de 4 mil francos suíços, o equivalente a US\$ 25 por hora.

O país não está sozinho na onda do mínimo. No início deste mês, Alemanha aprovou a adoção do piso € 8,50 por hora (US\$ 11,75), que entra em vigor em 2015. Durante décadas, o governo deixava que patrões e empregados decidissem os salários. O problema é que cerca de 40% da força de trabalho estavam fora de acordos coletivos.

— Há uma percepção do salário mínimo como um fator de proteção dos trabalhadores mais vulneráveis e também um relançamento da econo-

omia do continente pelo consumo — afirma Patrick Belsler, especialista em salário mínimo da Organização Internacional do Trabalho (OIT).

A Europa luta para superar a crise financeira global iniciada em 2008. As diferenças no continente são grandes. Se os países escandinavos, mesmo sem mínimo, têm salários altos, ocorre exatamente o oposto na Europa do Leste. Na Bulgária, o piso é de apenas € 175 por mês. Na Grécia, depois de um corte de 20% no ano passado, o mínimo está em € 586.

A volta do mínimo está longe de ser uma unanimidade. Para Guntram Wolff, diretor do Instituto Bruegel, o aumento do mínimo vai elevar os custos das empresas e dificultar ainda mais a saída da Europa da crise:

— Há claras desvantagens na introdução do salário mínimo, que pode gerar desemprego, particularmente para quem está entrando no mercado. Para se impulsionar o consumo, o que realmente importa é a renda do trabalho.

Na França, que tem um dos mais elevados mínimos da Europa (€ 9,53 por hora, ou € 1.445,38 por mês), o sindicato patronal Medef pleiteia a criação de um salário transitório, abaixo do piso, para os jovens.

— Há muitas vantagens nisso, sobretudo onde a proteção ao emprego é forte e impede uma entrada mais fácil dos jovens no mercado de trabalho — diz François Bourguignon, da Escola Econômica de Paris.

As diferenças entre Europa e Brasil são muitas. A começar pelo valor. O mínimo brasileiro é de R\$ 724 por mês ou R\$ 3,29 por hora. Na Suíça, 10% da força de trabalho recebem um salário no valor proposto para ser adotado como mínimo. No Brasil, essa parcela chega a 27,84%, atingindo 48,47% no Nordeste. ●

NA WEB  
<http://go.bo/1hbMvN3>  
Com inflação em alta, Venezuela eleva o salário mínimo em 30%

## NOVO SENTRA 2014 PARA PRONTA-ENTREGA



- MOTOR 2.0 15V FLEX COM 140CV
- AR-CONDICIONADO
- COMPUTADOR DE BORDO
- CONTROLE DE ÁUDIO NO VOLANTE
- AIRBAGS FRONTAIS PARA MOTORISTA E PASSAGEIRO

- FARÓIS DE NEBLINA - ABS
- RODAS DE LIGA LEVE DE 16"
- FAROL E LANTERNA LED
- RÁDIO CD PLAYER COM MP3
- BLUETOOTH COM COMANDOS NO VOLANTE

